



ABPMC

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
E MEDICINA COMPORTAMENTAL

CIRCULAR ABPMC

COMUNICAÇÃO À COMUNIDADE BRASILEIRA A RESPEITO DA INTERVENÇÃO BASEADA EM ABA E PROFISSIONAIS QUE ATENDEM NEURODIVERSOS

A Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC reúne pesquisadores, professores e profissionais que trabalham com Análise do Comportamento em suas diferentes dimensões. Inclui profissionais que trabalham tanto na área acadêmica com pesquisa básica, aplicada, conceitual, quanto nas diferentes frentes de prestação de serviço. Congrega desta forma, uma grande comunidade com doutores, mestres e especialistas interessados em difundir a ciência do comportamento e, com isso, melhor atender o público.

O termo ABA, vem do inglês, *Applied Behavior Analysis*, significa Análise do Comportamento Aplicada e se refere à parte aplicada da ciência do comportamento. Desta forma, ABA envolve tanto uma área de pesquisa, quanto as diversas possibilidades de prestação de serviço que se utilizam das tecnologias investigadas em relação à sua efetividade na resolução dos problemas humanos. Uma área na qual estas tecnologias se mostraram fortemente efetivas foi o tratamento de pessoas com Desenvolvimento Atípico, especificamente pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA - CID F.84.0). A literatura científica da mais alta qualidade metodológica têm mostrado largamente a efetividade da intervenção nesta população, principalmente em casos nas quais a intervenção é realizada de maneira intensiva, precoce e por um longo prazo (ver lista de referências em anexo).

A grande efetividade da intervenção produziu sua divulgação massiva e assim, ela vem sendo **erroneamente chamada** de “método ABA”. As consequências desta divulgação inadequada têm sido percebidas em diferentes esferas: **1) Na busca dos serviços pelos consumidores:** Tanto pais, quanto profissionais de atenção primária e serviços de saúde tem dificuldade de encontrar profissionais adequadamente



qualificados para o encaminhamento da intervenção; **2) Na qualidade do trabalho:** começa a ocorrer uma precarização do serviço e os profissionais acabam sendo mal direcionados para formações insuficientes que prometem ensinar o “método ABA” e, por fim e mais importante: **3) Na efetividade da intervenção:** Profissionais mal formados fazem intervenções ineficientes que geram consequências danosas tanto para o sujeito que é alvo da intervenção quanto para as famílias e para as seguradoras de saúde, que são solicitadas a pagar por estes serviços. Além disto, uma série de práticas e informações inadequadas são divulgadas prejudicando como um todo a ciência do comportamento e gerando preconceitos que vão interferir na busca das famílias pela intervenção, por exemplo a ideia absurda de que “ABA robotiza as crianças”.

A Intervenção Comportamental baseada em ABA – termo este adequado a ser utilizado, envolve uma série de análises e práticas guiadas por cientificidade e, por essa razão, passíveis de serem replicadas. Como toda intervenção baseada em ciência, requer qualificação profissional de quem irá promovê-la. A estrutura da intervenção pode ser Abrangente ou Focal. Na primeira são alvos de intervenção habilidades em diferentes áreas do desenvolvimento de maneira simultânea, por exemplo o desenvolvimento de habilidades Sociais, Cognitivas, de Linguagem e a resolução de comportamentos problemáticos. Na segunda, profissionais ultra especializados focam em uma ou duas áreas específicas como alvo da intervenção, por exemplo a redução de comportamento agressivo/problemático.

O planejamento da intervenção envolve necessariamente uma avaliação que descreve o repertório de entrada do indivíduo, ou seja, as habilidades já existentes, deficitárias ou em excesso por ele (a) apresentadas. Esta avaliação serve de base para a descrição das metas a serem alcançadas e progressivamente evoluídas. Além disto são utilizadas estratégias que visam a generalização das habilidades aprendidas e uma carga-horária de intervenção que torne possível a efetivação do trabalho. **As intervenções são, por tanto, absolutamente individualizadas.** O alcance destas metas é aferido a partir **dos dados coletados pelos terapeutas durante a execução da intervenção.** Estes dados são fundamentais na tomada de decisão em relação a intervenção propriamente dita e à avaliação da efetividade do processo como um todo.



Assim, **o registro e análise de dados é uma característica fundamental de uma Intervenção Comportamental baseada em ABA.**

Para dar conta de uma intervenção desta magnitude, o serviço prestado precisa ser organizado de maneira que haja uma equipe de profissionais com diferentes formações. Desta forma, um serviço adequado tipicamente conta com: a) um Analista do Comportamento Supervisor, que é responsável por desenvolver e gerenciar a intervenção; b) um Analista do Comportamento Assistente, responsável por auxiliar o Supervisor a operacionalizar a implementação da intervenção e c) Aplicadores ou Técnicos, que são as pessoas responsáveis pela aplicação direta de procedimentos elaborados pelo Supervisor viabilizando o número de horas necessários para a intervenção acontecer. Tanto o Analista do Comportamento Assistente, quanto o Aplicador/Técnico **não tem autonomia na tomada de decisão e direcionamento da intervenção, necessitando imprescindivelmente do direcionamento de um Analista do Comportamento Supervisor.** Desta forma, um serviço deve contar com no mínimo o Supervisor e um outro profissional ou aplicador.

A Intervenção Comportamental baseada em ABA oferece à pessoa diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista uma melhora na comunicação, refinamento das relações sociais, ampliação de repertório global e desenvolvimento de autonomia. Favorece também a redução de comportamentos não adaptativos, tais como estereotípias, agressividade, ecolalias, entre outros, ou mesmo substituição por outros comportamentos socialmente aceitáveis que desempenhem a mesma função, mas com mais eficiência. Possibilita ao paciente equiparar-se aos seus pares, dando-lhe qualidade de vida, direito de igualdade, respeitando princípios constitucionais, tais como: dignidade da pessoa humana, direito à saúde, direito à vida, tão caro à sociedade.

E, nessa toada, é imprescindível que se atente para o fato de que toda e qualquer intervenção baseada em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) requer a atuação de profissionais habilitados, qualificados e treinados. Uma pessoa submetida a uma intervenção sem a condução, orientação e/ou aplicação por profissional capacitado, encontra-se comprometida, assim como encontra-se gravemente comprometido todos os resultados.



ABPMC

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA
E MEDICINA COMPORTAMENTAL

A ABPMC tem trabalhado na organização de parâmetros para que a comunidade brasileira possa acessar de maneira objetiva as características fundamentais dos serviços prestados e a formação mínima dos profissionais envolvidos. Os resultados deste trabalho foram aprovados em Assembléia Geral neste ano e serão apresentados a comunidade para entrarem em vigor já no próximo ano. Por ora, segue em anexo uma lista com referências que podem ser acessadas para conferência das afirmações realizadas nesta circular.

Atenciosamente ,

Diretoria da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental.

Dr. João Vicente Marçal - Presidente
Ma. Denise Lettieri – Vice-presidente
Ms. Gustavo Tozzi – Primeiro secretario
Dra. Elisa Sanabio Heck – Segunda secretaria
Ms. Flávio da Silva Borges – Primeiro tesoureiro
Dr. Cristiano Coelho – Segundo tesoureiro

Comissão de Desenvolvimento Atípico

Dra. Cintia Guilhardi
Dra. Ariene Coelho
Dra. Cássia Leal da Hora
Dra. Claudia Romano
Dra. Leila Bagaiolo
Dra. Marilu Borba
Dra. Thais Sales



ANEXO – LISTA DE REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental. Comissão de Desenvolvimento Atípico (2019). *Acreditação Específica para Prestadores de Serviço em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) ao TEA/Desenvolvimento Atípico*. Retrieved from: <http://abpmc.org.br/arquivos/publicacoes/1556901447d2fb7c4f8e55.pdf>
- Autism Special Interest Group (SIG) of the Association for Behavior Analysis International (ABAI) (2018). *Parent guidelines for identifying, selecting, and evaluating behavior analysts providing treatment for children diagnosed with Autism Spectrum Disorders*. Retrieved from <https://3lvvdfmmeol12gpvw2c75ch6-wpengine.netdna-ssl.com/wpcontent/uploads/2018/07/Final-Autism-Sig-Guidelines-Parent-Version-May-2018.pdf>
- Association of Professional Behavior Analysts (APBA) (2018). *Guidelines for Evaluating Credentials in the practice of Applied Behavior Analysis*. Retrieved from https://cdn.ymaws.com/www.apbahome.net/resource/collection/1FDDBDD2-5CAF-4B2A-AB3F-DAE5E72111BF/APBA_Guidelines_EvaluatingCredentials_180906.pdf
- Behavior Analysis Certification Board (BACB) (2014). *Applied Behavior Analysis treatment of Autism Spectrum Disorder: Practice guidelines for healthcare funders and managers (2nd Edition)*. Retrieved from https://www.bacb.com/wp-content/uploads/2017/09/ABA_Guidelines_for_ASD.pdf
- Bibby, P., Eikeseth, S., Martin, N. T., Mudford, O. C., & Reeves, D. (2002). Progress and outcomes for children with autism receiving parent-managed intensive interventions. *Research in Developmental Disabilities*, 23, 81–104.
- Duarte, C. P.; silva, I. C.; Velloso, R. L. (2018). *Estratégias da Análise do Comportamento Aplicada para pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo*. São Paulo: Mennon.
- Eikeseth, S., Smith, T., Jahr, E., & Eldevik, S. (2007). Outcome for children with autism who began intensive behavioral treatment between ages 4 and 7: A comparison controlled study. *Behavior Modification*, 31, 264–278.
- Hayward, D. W., Eikeseth, S., Gale, C., & Morgan, S. (2009). Assessing progress during treatment for young children with autism receiving intensive behavioural interventions. *Autism*, 13, 613–633.



- Howard, J. S., Sparkman, C. R., Cohen, H. G., Green, G., & Stanislaw, H. (2005). A comparison of intensive behavior analytic and eclectic treatments for young children with autism. *Research in Developmental Disabilities*, 26, 359-383.
- Linstead, E., Dixon, D.R., Hong, E., Burns, C.O., French, R., Novack, M.N. and Granpeesheh, D.(2017), "An evaluation of the effects of intensity and duration on outcomes across treatment domains for children with autism spectrum disorder", *Translational Psychiatry*, Vol. 7 No. 9, pp. e1234-6.
- Lovaas, O. I. (1987). Behavioral treatment and normal educational and intellectual functioning in young autistic children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 55, 3-9.
- McEachin, J. J., Smith, T., & Lovaas, O. I. (1993). Long-term outcome for children with autism who received early intensive behavioral treatment. *American Journal on Mental Retardation*, 97 (4), 359-372.
- National Autism Center (2015). *Findings and conclusions: National standards project, phase 2. Randolph*. MA: Author.
- Rosenberg, N., Schwartz, I. S. (2018). Guidance or compliance: what makes an ethical behavior analyst? *Behavior Analysis in Practice*. Retrieved from <https://doi.org/10.1007/s40617-018-00287-5>
- Sella, A. C., & Ribeiro, D. M. (2018). *Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista*. Curitiba: Appris.
- Slocum, T. A., Detrich, R., Wilczynski, S. M., Spencer, T. D., Lewis, T., & Wolfe, K. (2014). The evidence-based practice of applied behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 37(1), 41-56.
- Weissman, L. & Bridgemohan, C (2014). Autism spectrum disorders in children and adolescents: Behavioral and educational interventions. UpToDate edited by Mary M Torchia. Disponível em http://www.uptodate.com/contents/autism-spectrum-disorder-in-children-and-adolescents-behavioral-and-educational-interventions?source=search_result&search=autism&selectedTitle=9%7E150.
- Wong, C., Odom, S. L., Hume, K., Cox, A. W., Fettig, A., Kucharczyk, S., et al. (2014). Evidence-based practices for children, youth, and young adults with autism spectrum disorder. Chapel Hill: The University of North Carolina, Frank Porter Graham Child Development Institute, Autism Evidence-Based Practice Review Group.